

Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilla..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 27 de setembro

A Barra d'Aveiro

IV

Convém na barra d'Aveiro recorrer á dragagem, o que dispensa tentativas e evita calculos e demoras—mas não me parece que as eclusas de varrer sejam uma lembrança para desprezar-se.

Citaremos Boniceau, engenheiro muito pratico e muito distincto:

«Muitos portos (Boniceau — Constructions á la Mer) não existem senão em virtude das suas eclusas de varrer—(chasses) ou sós, ou acompanhadas das dragagens».

«A invenção d'estas foi um grande progresso sobre os meios ordinarios» (pag. 114).

«M. Minard indica umas eclusas, que em meia hora removeram 1500 metros cubicos de aterro» (pag. 114 e 115).

E accrescenta o citado engenheiro, que no caso de um vento obliquo e assaz violento produzir uma obstrucção repentina, são ellas que devem desfazer-a (pag. 115).

Tal era o nosso caso em 1874: como dissemos no primeiro dos nossos artigos a barra d'Aveiro se obstruiu completamente n'aquelle anno, e entre os leigos tambem nós haviamos proposto o nosso alvitre sobre o modo de remediar essa occorrença.

E para isso e para a conservação do porto nos lembramos das eclusas de varrer, e nos applaudimos hoje de acertar com as indicações dos engenheiros, cujos escriptos, e pratica as justificam e auctorisam.

«As eclusas são boas para desfazerem os depositos que o mar elevou acima do nivel das marés-baixas» (pag. 117).

São boas, portanto, para conservarem a barra d'Aveiro a esse nivel—o que já é muito.

As eclusas (Boniceau, pag. 115) são destinadas a combater tres especies de depositos e a levar-os ás correntes costeiras.

E' pela ausencia ou presença d'essas correntes que os peritos na barra d'Aveiro devem apreciar as vantagens das eclusas em relação a esta barra.

Nem todos os portos estão obrigados á grande navegação: e nem o porto d'Aveiro aspira a tanto.

Em França, diz o distincto hydraulico já citado, além do Havre, que exige 7 metros de profundidade, e 1 metro e 85 abaixo do nivel das baixas-ma-

rés, e ao qual por isso as eclusas não aproveitam porque não actuam de um modo notavel abaixo d'esse nivel, ha outros de segunda ordem como Dieppe e Dunkerque, onde as eclusas e os trabalhos de braço teem sido bastantes para *conservar-os até hoje*.

E accrescenta:

«Os outros portos da Mancha podem tambem conservar-se pelas eclusas de varrer, que ahi se construíram, e que são o meio mais simples e o mais economico!!» (pag. 117)

Porque razão não se conservará tambem por ellas o porto d'Aveiro?

E se não servem para melhorar-o, hão de servir ao menos para a sua conservação ao nivel das marés mais baixas, o que já é de agradecer-se.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

ERRATA

No artigo antecedente — A Barra d'Aveiro —, onde se lê — as esteiras — deve lêr-se — os esteiros.

O QUE IMPORTA

O que importa ás grandes terras ou ás pequenas são os interesses communs ou sociaes, são os actos que podem prejudical-os, ou defendel-os.

E nada importa, que um *quidam* nos rompa ahi d'um canto, e sem argumentos, mas só com affrontas ineptas e accintosas, pretenda abafar o que é nobre e digno com o que é vil e miseravel.

Nada importam os doestos chulos, que tolamente se dirigem a quem não sendo applicaveis tambem não offendem por mais gallego que seja o estylo das insolencias.

Nada importa um pedante, *glorificado ou não glorificado*, que pela sua vaidade singella e ridicula veio a ser o alvo e o motivo das gargalhadas, que em todos os grupos se ouvem a cada momento.

Nada importa, que sem discussão, não se mostrando capaz senão d'arengas sobre themas rebatidos, sem reflexões proprias, sem critica de especie alguma, julgue, que basta escorrerem-lhe da penna uns falsos desapeços, para que lh'os tomem como justos e decisivos, ou que

um bom ou mau conceito dependa de que o reconheça ou não a sua denunciada incompetencia.

Seria para extranhar aos espiritos sérios e inteligentes, que ha em todas as classes, o não auxiliarem e applaudirem os actos de merito, e que pela indifferença não vingue o effeito, que um ras-teiro folliculario attribue ás suas garbulhas.

Então os mais vis sentimentos predominariam em toda a parte, e as terras mais civilisadas perderiam o seu lustre, o seu credito, a sua honra.

Nada importa, que um bedelho qualquer, coberto já d'infamias publicas, em cuja indole repontam os baixos atavismos, que a educação não lhe reprime, para quem, quando passa nas ruas, parece que de todos os lados avançam mãos á esbofeteal-o, para quem os seus confrades nos desterrados d'Africa estão reclamando a justiça havida com elles, mas que afivelando a mascara dos risos atravessa impudente por entre a indignação e o desprezo, com uma audacia louca, sem nada ter, que a abone ou justifique, se abalance a grandes fraudes, a grandes roubos directos ou indirectos, que o mesmo valem, a grandes trampolinas, com que illude a uns e compromette a outros,—o que importa é haver quem se opponha ás concussões e ás audacias—o que importa é haver tribunaes, que as castiguem, e não appareçam magistrados, que em vez de castigar, as glorifiquem—o que importa é que as marafonas domesticas não solicitem e obtenham as sentenças.

Quando se trata, não de uma insignificancia perdoavel, mas de uma expoliação enorme, ha muito planeada, o que importa é que os homens honestos a não consintam; principalmente quando o povo, clamando factos positivos, claros, e manifestos, se vira para os que mais valem a imploral-os, o não valer-lhe seria ou fraqueza, ou pouco brio, e parecera até annuencia aos escandalos.

Pelo menos é necessario um protesto.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

CONFRONTOS

XXXVII

Habitos antigos

(Segunda vez)

Quando o Carga d'Ossos carregava para Pardilhó as libras falsas vindas d'Elvas, era sempre pelos pinhaes que passava. Corria com a sacca a tiracollo, mas então não levava companhia porque não queria testemunhas para os seus crimes, nem pará em tempo algum provar a sua culpabilidade quando preso o desgraçado passador.

E assim elle escapuliu-se duas vezes da cadeia de Estarreja, onde o crime de moedeiro falso o devia reter.

Hoje o negocio póde fazer-se em maior escala e o falsario de ha mezes e assassino de ha annos, para não perder habits antigos, percorre a cavallo os pinheirões do municipio, cercado de companhia, por cautella, finge ver os roubos dos collegas, mas não repara nos roubos que fez em uma arrematação camararia, apanhando mais terreno do que o comprado.

E o falsario Carga d'Ossos, ao passar pelos sitios mais escosos, onde a ramaria dos pinheiros deixa coar apenas a luz do dia, estremece em cima da garrana e então verga-se ao peso dos remorsos.

E' que elle é o assassino de um visinho, o larapio dos bens de sua mãe e irmã, o ratoneiro das economias dos pobres.

(Povo d'Ovar n.º 152.)

As forcas

Faz terça-feira trez annos que os limonadas, dizendo-se progressistas, levantaram em plena praça publica e em frente ao tribunal judicial d'esta comarca as forcas.

Esse espectáculo vergonhoso e repellente marcou o apogeu das arruaças e crimes, que um bando de selvagens perpetrou com pleno assentimento das autoridades administrativas, apoiados na protecção do governador civil substituto do districto d'Aveiro, Manoel Firmino d'Almeida Maia e do desembargador Mattoso.

As forcas collocadas em frente ao tribunal, atterrorisaram

um dos magistrados judiciaes e impelliram o outro para a senda do facciosismo, e por isso a impunidade e a corrupção campearam infrenes, e os selvagens arrojaram-se a novos commettimentos.

As forcas caracterisaram bem um bando e foram o signal de oppressão de um concelho. Durante uma longa epocha que já terminou, só os malvados imperaram e o municipio foi roubado infamemente pela turba de famintos criminosos.

A epocha do castigo chegou emfim. As ruas d'Aveiro servirão de expiação a Manoel Firmino: a cadeia d'Ovar tem servido de expiação a muitos d'esses criminosos.

Ao desembargador Mattoso hade chegar a vez.

E contudo nós continuaremos memorando essa epocha nefasta, tristissima, em que um bando de selvagens levantou, na praça publica as forcas.

E' preciso que o povo as não esqueça.

(Povo d'Ovar n.º 120).

Egualmente, preciso é que o povo não esqueça o que este celebre (basta ser heroe) politico escreveu dos seus actuaes correligionarios e amigos, até amigos.

GAZETILHA

Couplet

(Para ser recitado por um dos actores da companhia de um Arraes)

MUSICA DA «NOITE E O DIA»

I

Eu de negar não sou capaz,
São os Cargas muito tratantes,
Incendiarios, farçantes,
E asneiras mil cada um faz.

A camara—essa coitadita,
Cujo cofre é tão cubigado,
Com elles tanto necessita,
Pois quando não—cofre roubado!

Do municipio,
De tudo afinal,
E da nossa terra,
Etc., e tal,

O grande mal,
São os Cargas,
Se lhes não pozermos albardas
Ainda assim ouço dizer:
Cargas, Cargas, Cargas, Cargas
Não devia haver
A meu ver.

Po-Lorria.

(Povo d'Ovar n.º 159).

Sentenças e despachos do sr. juiz Salgado e Carneiro

IV

O crime d'injúria

1.º

N'um jornal escreveu o réo bacharel ácerca do sr. Manoel d'Oliveira Aralla:

«O sr. Aralla propalava, que a administração municipal lhe deu muitos prejuizos e desgostos».

E transcrevendo d'um jornal regenerador uma passagem em abono d'aquelle antigo deputado e antigo presidente da camara d'Ovar, e onde se falla dos seus vinte annos de vida publica, e de ter recebido muita ingratião em premio dos serviços aos seus conterraneos, o réo nota-lhe—«falta sómente accrescentar a isto—e muito lombo de porco».

Trata-se pois de serviços publicos, pelos quaes se argue ao sr. dr. Aralla o receber em troca muitos presentes.

N'outro numero do seu jornal o réo bacharel disse ainda:

«Do producto imposto do pescado, de que é responsavel perante o tribunal o arraes Janeiro, está de posse o sr. Aralla, importancia excedente a rs. 80\$000».

«Que direito tem o sr. Aralla ao embolço de semelhante quantia sem pagar juros alguns, e sem que no futuro tenha responsabilidade pelo seu pagamento?»

«Nenhum. «E apesar d'isso não a apresenta quer á Fazenda Nacional, quer ao unico responsavel para com o governo—o arraes Janeiro».

Isto são insignificancias, não é verdade?

«Mas não é certo, que o sr. Aralla só se sabe sacrificar pelos amigos?»

«Ha dez annos 80 ou 90\$000 réis a vencer juros de 5 por cento ainda não é coisa para desprezar».

Resumindo—1.º O sr. Aralla está de posse e no embolço de uma quantia, que não lhe pertence.

2.º Sem pagar juros.

3.º Sem que no futuro seja responsavel pelo seu pagamento.

4.º e apesar d'isso não a apresenta nem á Fazenda Nacional, nem ao unico responsavel por ella.

5.º e os juros, que não paga ha dez annos ainda não são para se desprezarem.

Portanto o sr. Aralla aproveita-se d'uma quantia e seus juros, que não lhe pertencem, de modo que se isempta da responsabilidade prejudicando o unico responsavel, e não a apresenta apesar de não ter direito algum a conserval-a na sua posse.

E' uma injúria grave, clara, e frisante.

Não ha ninguem, que não julgue haver ahí um abuso de imprensa—Ninguem?

Esquecia-me o sr. Carneiro e Salgado.

2.º

O corpo de delicto julgado pelo sr. Carneiro

1.º «O artigo 407.º do código penal incrimina a imputação de um facto offensivo da honra

e consideração de alguém, e o artigo 410.º pune a injúria não se imputando facto determinado.

«Os factos imputados ao queixoso são estes—Ter recebido presentes—e conservar em deposito certa quantia destinada ao pagamento do imposto do pescado, logo que a Fazenda o peça».

«Não diz porém o articulista que os presentes tenham sido recebidos nas circumstancias previstas no artigo 322.º do citado código, nem que o deposito tenha sido exigido para que haja a obrigação de o entregar conforme o artigo 1435.º do código civil».

3.º «Nestas condições os factos imputados, assim despidos das unicas circumstancias, que os podiam tornar illegaes, são perfeitamente licitos e normaes, e como taes inoffensivos da reconhecida honradez do queixoso e da consideração, que lhe é devida por suas qualidades pessoaes e posição social».

4.º «O que por certo o magôa é a falsidade dos factos imputados, que a propria lei presume, e a injusta apreciação que de um d'elles se ha feito».

5.º «Mas nem a lei pune a simples mentira, nem restringe a liberdade (o sr. juiz assim escreve) de apreciar ou criticar os actos alheios, comtanto que n'essa critica se não empreguem termos injuriosos como aqui se não empregam».

6.º «Não havendo diffamação ou injúria no sentido da lei, julgo improcedente o corpo de delicto e mando archivar o processo.»

Analyse

3.º

Contra as proprias explicações do sr. juiz o primeiro facto reveste-se da circumstancia prevista no artigo 322.º do código penal, embora não applicavel.

1.º Por não ser o queixoso um empregado.

2.º Muitos factos não são puniveis senão como injuriosos.

3.º O que é punivel no empregado pelo artigo 322.º, de certo constitue a injúria punida pelo artigo 407.º como o receber presentes por serviços relativos ás funcções, que exerce—o queixoso não é um empregado, mas a passagem arguida referia-se a serviços prestados em cargos, que eram representações populares e portanto a serviços publicos.

4.º

O segundo facto descripto pelo sr. juiz está incompleto e desfigurado.

Não falla o réo bacharel de um deposito legal, e não são a sua exigencia e a obrigação de o entregar que para aqui podem ser chamadas.

Independentemente do caso no qual o sr. juiz só admite a injúria fóra de todo o proposito, ha a que existe nas palavras arguidas, que fallam não em deposito legal, como suppõe o sr. juiz, mas na posse e no embolso sem direito—não n'um depositario responsavel segundo a lei, mas em que o sr. Aralla de futuro não responderá pelo pagamento, e em que se aproveita indevidamente dos juros.

5.º

Então para o sr. Carneiro o embolsar uma quantia que não nos pertence, aproveitar os seus juros sem direito, é um acto

perfeitamente licito e normal, que não macula a honra de ninguem?

Sem commentario.

6.º

Quando os factos são em si diffamatorios, mas os termos da critica são cortezes, a lei não pune a imputação, que d'elles se faz, porque a lei não restringe a liberdade de apreciar, como julga e escreve o sr. juiz?

7.º

O queixoso agrava: o sr. Carneiro responde que em confirmação do despacho recorrido podia citar o accordão da Relação do Porto de 15 de julho de 1890 sem paridade alguma com o caso que se discute.

O tribunal superior revoga o despacho e julga procedente ou constituido o corpo de delicto.

8.º

O sr. juiz obrigado pelo accordão marca dia para julgamento.

O réo agrava, e o sr. Carneiro recebe o agravo.

Já viram maior absurdo?

O accordão julgou o réo incurso na obrigação de responder em juizo pelos factos arguidos.

Em virtude do accordão o sr. Carneiro marcou dia para o réo ser julgado.

Em opposição a uma sentença do tribunal superior, como é que acceta um agravo, cuja materia estava prejudicada por aquella sentença?

Se não precedesse um accordão, que obriga o réo a ser julgado, podia este agravar do despacho, que marca dia para o julgamento.

Aggravar no caso contrario é uma inepecia, que foi feliz.

Mas não param aqui as contradicções do sr. juiz Carneiro.

(Continúa)

Lourenço d'Almeida e Medeiros

Ao bacharel Fragateiro

Por acaso leu-se ao pé de mim uma parolagem do bacharel protector dos jesuitas e dos juizes, onde depois de passado muito tempo sobre a questão do repudio, quando já ninguem pôde recordar-se do modo por que se discutiu, eil-o ahí vem com umas trapalhices, destinadas aos ignorantes, entre quem figura.

O repudio feito legalmente ainda se annulla mas por uma acção ordinaria e só nos dois casos de fraude ou de violencia.

O que é feito illegalmente, isto é, fóra do seu praso e depois de acceta a herança, ou se julga nullo, ou se indefere, mas sempre sem dependencia d'acção ordinaria.

Para annullar o legal é que é precisa a acção ordinaria, porque pelo repudio legal renunciam-se direitos que logo passam para os mais herdeiros, de quem é já necessario reclamar-os. Mas depois de acceta a herança o repudio é um impossivel juridico. Percebe, meu grande bacharel:

Ha nullidade em ambos os casos, mas illegalidade só no segundo—O acto juridico existe no primeiro—no segundo, nem se julga que existisse.—Eis a differença.

O bacharel protector e glori-

ficado ainda mais compromette o juiz glorificador e protegido.

Não temos mais espaço—o resto para outra vez—mas será a ultima que respondemos a inepecias.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

NOTICIARIO

Passagem d'el-rei—As manifestações—Notas comicas

Um delirio, um verdadeiro delirio na passagem de sua magestade o sr. D. Carlos na estação d'esta villa, na noite do dia 20!

Aguardavam a real chegada a auctoridade administrativa e militar—esta representada pelo tenente coronel Mendonça,—a camara em parte, sob o commando do vice, e muito povinho, especialmente mulherio.

Uma muzica executou na paragem do comboyo, o hymno real, 347 duzias de foguetes subiram ao ar. Então o sr. dr. Descalço e vice foram apresentar os cumprimentos da praxe ao rei, que os agradeceu muito commovido...

Um nosso amigo pôde ouvir o seguinte do sapateiro-heroe dirigido a sua magestade: «Penalísame, real senhor, não chamar a este logar o meu povo. Muito tarde foi-me enviado telegramma participando a passagem de v. magestade».

Perdôe-me por isso...»

Em seguida o heroe levantou vivas ao rei, á rainha, e á familia real, vivas correspondidos freneticamente pelo pae do heroe e typographo do Ovarense, sendo tambem por estes dois ultimos levantados vivas á camara municipal d'Ovar!!!

O sr. D. Carlos riu de vontade, e perdoou-lhes... a ignorancia!

O Suberana, esse ficou estatico, azabumbado, na contemplação do cabello loiro do seu rei, traduzindo-se comtudo no seu pallido rosto o summo pezar em não ver a sua querida rainha—a Suberana, como elle lhe chama!

Estradas

Verdadeiramente indecentes, perigosas, as estradas da villa, especialmente para quem tranzita de noite.

Sr. heroe, você que faz?

Ao sr. director do correio

Francisco Victoria, negociante, de S. Miguel, com caixa de correio, rarissimas vezes tem estampilhas á venda; e quando as tem, fornece-as sómente ás pessoas que consomem generos da sua loja.

D'este abuso queixa-se a visinhança, queixamo-nos nós tambem. E enquanto não forem dadas as necessarias providencias sobre taes irregularidades, insistiremos na queixa.

Por identico motivo e ha tempos, dirigimo-nos ao sr. director dos correios d'esta villa, mas não fomos ouvidos.

Veremos agora.

A' camara

Informam-nos que para leves reparações que soffreram as cadeias de Pereiró, foi para alli fornecido taboado por um carpinteiro de Vallega.

Esse taboado, que pouco vale, vai ser pago por um preço exorbitante. O vereador substituto Pi-

cado discordou a principio, mas concorda agora, e isto talvez para evitar inimisades ou mesmo em attenção a serviços antigos prestados pelo vendedor-carpinteiro ao referido vereador, em um seu engenho.

Que haverá de verdade?

Averigue a camara e respondanos.

Visita

De visita a sua familia, esteve domingo n'esta villa, o nosso prezado amigo Manoel Bastos, empregado no commercio em Lisboa.

Cumprimentamol-o e damos-lhe mil parabens pelo seu 23.º anniversario natalicio, que passou n'esse mesmo dia, motivo da sua visita á familia e cá á rapaziada amiga, que muito o estima pelo seu bello caracter e alma boa.

Manoel Bastos partiu para a capital na noite de segunda-feira, triste e até... lacrimoso!

E' d'uma sensibilidade espantosa este bello moço!

Pequenas locaes

Foi nomeado commandante do districto do recrutamento e reservas d'esta villa, o major sr. Alfredo Campos.

A este respeito diz o Correio da Tarde de 23: «... Mas o que nos falta saber é porque é exonerado d'esse cargo o sr. Salles de Mendonça, um distinctissimo official, que o tem exercido com a maior dignidade, zelo e intelligencia. E não se desconsidera assim um funcionario honrado sem mais nem menos».

Em verdade, para outras eleições o sr. tenente-coronel faz uma falta dos diabos. Por isso o collega tão magoado se manifesta pela sua exoneração!

Deixe lá o official seguir seu caminho. Vae para Lisboa, vae acabar o resto da vida consoladinho.

—Vindo de Lamego, acha-se n'esta villa o nosso amigo e patricio, sr. Antonio José Rodrigues Neves, da rua das Figueiras.

—Partiu para o Furadouro com sua esposa o nosso amigo M. Lopes Pinto.

—Na semana passada partiram para a capital os nossos amigos Francisco da Silva Carvalho e primo.

—Encontra-se melhor dos seus padecimentos o sr. Francisco Barbosa de Quadros.

Muito estimamos.

—Hontem, na Assembleia do Furadouro uma *matinée* soberba; e hoje *cotillon*.

Aquellé J. Vidal e Bizarro são d'uma cana para estas coisas.

—Falleceu na quinta-feira um netinho do sr. Manoel José Ferreira Coelho.

—Apparece brevemente á venda um volume de 200 paginas contendo os principaes sermões do padre Manoel Baptista.

Dizem-nos que o livrinho é coisa nunca vista; nem admira; o seu auctor é conhecido como o primeiro orador da Europa!

Ditosa patria vareira...

—A banhos na costa do Furadouro, encontram-se os rev. Manoel M. da Silva Pontes e Manoel S. Pinheiro e Souza, distinctos professores do Seminario de N. S. do Rosario, dos Carvalhos.

Oxalá tenham boas impressões na nossa praia para nos visitarem nos annos vindouros.

—Chegou terça-feira da capital o nosso amigo João d'Oliveira Gomes. Veio incommodado de saude, o que sentimos, e fazemos votos a tolos os Santos e... Santas da côrte do céu e da terra para o seu rapido restabelecimento.

Multa

Queixa-se o sr. Antonio Dias, de que no dia 27 de agosto foi multado em 2\$000 réis, que pagou á camara no dia 29 d'aquelle mez, e não lhe quizeram passar o recibo que reclamou.

A camara não passa certidões, quanto mais recibos.

As botas

Diz *alguem* que tem a sua honra nas solas das botas.—E' por isso que a vai calçando aos pés.

O carvalho Cerquinho

Recommenda-se ao dono do *carvalho*, que o guarde, porque pôde precisar da *bolota* na falta dos pinhões.

E' um bom conselho.

Perguntas

E' publico que do Hospital saem diversas rações de carne, pão, dinheiro, etc., para individuos que não estão recolhidos n'aquelle estabelecimento de caridade.

Será isto verdade?

— Querer-nos-ha dizer o *vice* que as lojas que fornecem aquelle estabelecimento, e se este fornecimento é feito por arrematação? E não sendo, se já chegará a sua vez á sua loja (d'elle *vice*)? Não fallando nas lojas do seu tio J. Mattos e amigo Peixoto. Estes deviam ser os primeiros.

— Ser-nos-ha licito perguntar ainda o que é feito do principio d'arrematação tão *habilmente* advogado pelo *vice* para estes fornecimentos?

Mudança

O sr. José Ferreira da Silva, sapateiro, da rua do Loureiro, participa ao respeitavel publico que mudou para o largo de Santo Antonio, loja.

Espera alli, como de costume, ser procurado.

Nova alfaiataria

O sr. João Ferreira Lopes, alfaiate, vindo de Albergaria-a-Velha, acaba de se estabelecer n'esta villa, abrindo a sua loja no largo de Santo Antonio, 1.º

Informam-nos que este artista era o primeiro n'aquella villa e sobretudo d'uma seriedade rigorosa nos seus contractos e d'uma commodidade muito soffrivel nos preços.

Temos, portanto, um bom artista na villa, o que estimamos.

O sr. Lopes não se arrepende, estamos d'isso certo; e o publico não deixará de procurar a nova alfaiataria.

Vaccaria

Parece que para o mez proximo vai haver na nossa terra uma vaccaria, pertencente ao sr. Antonio Farraia e um outro cavalheiro cujo nome não sabemos ainda.

Na quinta-feira daremos noticia mais ampla a tal respeito

Louvamos, todavia, e desde já, a lembrança do sr. Farraia.

CHRONICA

SOL

Bem vindo sejas, querido e formoso sol, facho que illumina o Universo, que reanima as almas

desfallecidas, e aqueces o meu frigidissimo coração, coração d'um anjo, ha tanto tempo prestes a feneceer pela ausencia d'um outro sol o amor—que d'elle se despediu cruelmente!

(Ora *cospe* lá n'isso, dirá o leitor).

Bella manhã, hoje, manhã verdadeiramente primaveril. allumiada por um sol temperado, puro, muito fresco, tão fresco como os teus *doces* labios—ó minha feiticeira!

E' caso para levantarmos mãos piedosas aos altos céos, rezar a Deus pela graça de um dia tão lindo, tão bem aproveitado, especialmente o sol querido, fogão que aquece o mundo e o mar, que seca as paixões das almas infelizes, que sacode a lama dos meus pobres sapatos, martyres innocentes d'estas ultimas chuvas e lamas, e que torna ao seu natural a minha fetiçta encarquilhada como a fussa de qualquer velha.

Eu não sei como vivo ainda e bem, depois de tanta chuva sobre o meu santissimo corpo, e o muito frio que quasi me arremessava para o monturo dos inuteis, dos tyricos.

Pois se a chuva tem sido tanta, o frio de rachar, os trovões e relampagos de metter terror a qualquer *sapateiro-bacharel!* Ora, *cospe* lá n'elle...

Por isso eu levanto as mãos piedosas aos altos céos (morada divina que irei gosar depois de já cadaver) e rezo, testemunhando ao grande Deus a minha gratidão, o intimo jubilo pela manhã d'hoje, verdadeira manhã primaveril, allumiada por um sol temperado, puro, muito fresco e muito doce, tão fresco como os teus labios e tão doce como o teu olhar—ó minha feiticeira!

Tão formozza e convidativa vi a manhã d'hoje que me fiz caminho fóra por campos e pinhaes.

Tudo tristeza, tudo melancholia. Estamos no outomno, não admira.

O que, porém, mais me prendeu a attenção—eu te digo, minha leitora—foi... o piar lugubre do mocho! Eu gosto do piar de semelhante passaro. Recordame a morte, uma senhora de todo o respeito mas muito descaçavel: é capaz de me arrebatat de ao pé das minhas queridas rolinhas e de ao pé de ti—ó feiticeira amada!

Porque eu por feiticeiras e rolinhas e canarios e pintasilgos e rouxinoes, muito principalmente rouxinoes, dou o cavaquinho.

A natureza triste e melancholical! Assim tenho a doce alma, mais doce que o chá offerecido diversas vezes por uma leitora, bôa menina, critica soffrivel, que me escarneceu por usar o capote velho de um avô! (de saudosissima memoria).

Eu ri da *piada*, prometti uma desaffronta n'este logar, sem dizer o seu nome.

E para que? A curiosidade é um mau vicio.

Deixa-me, pois, minha esbelta leitorasinha, deixa-me só, entregue ás melancholias, seguir caminho fóra, por campos e pinhaes...

Alli respira-se tudo—até o amor!

Até o casacão ante-diluviano de meu avô, perde o cheiro ao mófo! Até tu, formosa nympha, perdes todo o tempo commigo, a lér a chonica.

E até quinta-feira se Deus Senhor Meu mandar bom tempo e compozer o miolo d'este vosso, muito vosso, e sempre vosso

Jayminho.

26-9-93.

NECROLOGIO

Á SAUDOSA MEMORIA

de meu avô

MANOEL D'OLIVEIRA PINTO

E' com sincera magua profundissima, com a alma despedaçada por uma cruciante dôr, que venho chorar n'este cantinho abençoado, n'este estreito espaço, a confortadora despedida final d'aquelle que uma morte inesperada arrebatou do sacratissimo convivio do lar, para arremessal-o para o oceano, eternamente desconhecido, d'além-tumulo.

Foi absolutamente, despoticamente necessario que a morte viesse abrir um vazio, porventura insubstituivel, nas muito rareadas fileiras d'uma carinhosa familia, frechando fatalmente no coração um dos entes mais virtuosos que idolatrava.

Muito custa, na primavera da vida, toda orquestrada de alegrias e desanuviada de cuidados, vir prestar homenagens respeitadas, das que deixam cicatrizes indeleveis, em tão lugubres termos, a um coração forte que pulsava, apesar de tudo, por tudo o que era grande, como a justiça, e generoso, como a propria bondade.

E vamos nós hoje, em plena juventude, tecendo e destecendo alegrias sobre alegrias para amanhã vir a terra reclamar atrozmente, desesperadamente, o nosso corpo para engordar os lyrios e robustecer os cyprestes.

Ah! como esta morte funestissima affligiu uma familia inteira a qual punha no inolvidado morto todas as suas fundadas esperanças de arrimo e garantido futuro, uma familia que tantos desgostos tem supportado resignadamente, heroicamente!

Ah! descança, meu bom e desditoso amigo, descança em paz! Sejam estas chãs e desalinhavadas palavras, que aqui deixo, uma aureola de triumpho para ti, e para nós um como rosario por onde contemos as tuas grandes virtudes. Cubra-se-te de benções a sepultura e, quando o gelo do inverno amortellar os campos e os montes, desçam os altos cyprestes a sua rama bemfazeja para abrigar-te das intemperies do tempo!

Que a tua boa alma, ungida pelo incenso celeste, segrede á viração medrosa a eterna canção da alegria sincera, emballando-nos n'uma viva e grande saudade, até que nos ennoiteça a vida e vamos juntar nos contigo na bemaventurança, é o que deveras desejo.

Adeus!

Ovar, setembro de 1893.

M. A. B.

CORRESPONDENCIAS

Lisboa, 25 de setembro

Caro Gomes Dias:

Então muitos originaes fizeram-te desviar a minha correspondencia? que dirão os teus amaveis leitores e tuas leitoras, que talvez estejam anciosos por saber noticias da cidade, da grande cidade? desculpas de mau pagador, não é verdade?

Que dias tão aborrecidos, caros leitores; a chuva e a lama, não me deixam sahir para te dar novidades; mas isto nada valle, hei-de cumprir com os meus deveres de correspondente.

Em quanto que os padeiros se reunem para levantarem o preço

do pão, em quanto que todos beram contra esse augmento de preço, os carros americanos, os char-á-bancs, os trens, tudo se enche de passageiros para os conduzir a diferentes pontos da cidade; e eu tambem me dirigi a um d'esses pontos, feira de Belem, e não houve chuva nem lama que me impedisse.

Como é agradável este anno Belem; como é bonito aquelle espaço largo, cheio de barracas de panno branco. Ha theatros, pim-pâm-puns, petiscos, e o tradicional *rr*, o *rr* das Amoreiras; não podereis saber, leitoras, quanto é agradável passar-se alli um bocado n'aquella feira; que diversidade de *toilettes* que alli se encontram! Mas para que estou eu com tantas amabilidades se é de tão longe que te escrevo.

Belem, nos theatros, n'aquelle conjuncto de musica e o *vae prrrrrrncipiar* do *espectaculo*, regido por um *maestro* de fama, como *Luizinho*, deixam os visitantes deveras surprehendidos; o cheiro, aquelle cheiro dos *guizados* appetitosos que a toda a hora se estão fazendo, desafia o appetite de todos quantos alli se encontram, mas não é só o appetite dos *guizados* é tambem o *rr*.

Já chegaram a esta os nossos amigos Francisco Bonifacio da Silva, Antonio Maria d'Oliveira Carvalho e Francisco Thomaz da Silva Carvalho e sua ex.^{ma} esposa. O nosso amigo Francisco Carvalho, vemgôdo e pansudo; um pouco trigueirinho: um trigueirinho, que lhe dá graça; que venham vindo que já cá estão fazendo falta.

Até á semana.

B.

Regoa, 24 de setembro

Meu caro Gomes Dias:

Para serviços domesticos a natureza foi pouco prodiga commigo.

Ainda não conheci pessoa mais habil, do que eu, para pôr em desalinho completo uma commoda, um bahú, um... um movel qualquer que guarde o que tenha de procurar. O lenço d'assoar a vêr-se logo no cimo até, mas a minha infeliz perspicacia indica-me o soalho do bahú para o mudar para a tampa.

Uma santa mão que Deus me deu, por mais que me ensine, por mais que me ralhe, não vae nada.

Imagine-se agora o que por cá vae, eu que estou sósinho e n'uma casa que parece um convento, sem povo!

Hoje aconteceu-me uma dos diabolos. Com a ideia fixa em alinhavar esta correspondencia, afim de cumprir a missão de ser agradável a um amigo, preparo-me para me assentar á banca, mas a luz do candieiro bruxuleava. Luz, crédo.

A torcida nadava em secco.

Lá vou, de candieiro em punho, a caminho do sitio do petroleo, mas, não sei porque habilidades, dou com o realejo em terra.

Fiz tudo em cacos. Já calçando até o coração, porque com a tristeza cahiu-me aos pés. Um candieiro em que depositava uma amizade extrema, pois que com uma santa resignação me aturou sempre no meu bello tempo de estudante, despedaçado, feito em mil bocados!!

Que tristesa!

Quando, nas horas d'ocio, escrevia a minha cartinha á pequena, com o que levava bem bom tempo afim de estudar o palavriado para a convencer, aquelle pobre amigo evangelicamente me aturava a estopada. E como esta, innumeraveis. Bruxulear?... Crédo. Choro e devo chorar por gratidão a sua perda por tanta fidelidade.

Agora, como escrevinhador, quiz

deixar-me. Até os candieiros são adversos aos que, como eu, ser-rabiscam para os jornaes!

Mas o meu ruim sestro não ficou por aqui. Refeito do susto vou á guisa d'outro. Tempero-o e accendo-o.

Luz?... de grillo.

Espirrava como nariz de padre com mosquito dentro. A trasbordar estava elle, mas luz... não dava.

E como havia de dar luz se eu o havia temperado com azeite?

Engano-me com a almotolia e em vez de petroleo deito-lhe azeite.

Que pragas não roguei então á minha grande habilidade?! E' isto.

Aonde metter as mãos para coizas caseiras ou sabe desastre ou tudo torto.

Tempero-o de novo com o petroleo.

A respeito de luz pouco poder illuminante tinha e proseguia no espirro.

Continuava o mosquito no nariz do levita. Desanimado não curei de compol-o e á sua luz baça alinhavei esta correspondencia mas com grande dificuldade, porque, parece-me, mesmo ás escuras veria melhor.

A proposito lembro-me d'uma coisa que li algures sob a epigraphe de: «Vantagens do gaz».

A illuminação da cidade continua a dar motivo para bem fundadas queixas da parte dos habitantes, que só pelo nariz conhecem a ausencia do azeite de peixe.

Querer que as ruas estejam allumiadas pôde ser uma exigencia do publico, mas o empenho da Companhia em as ter ás escuras, agora principalmente que a cidade baixa está toda esboracada, é quasi uma tyrannia!

Uma d'estas tardes surprehendi o seguinte colloquio entre dois individuos do sexo diverso:

A que horas vens buscar-me? perguntava a filha de Eva ao enamorado varão. A's seis.

Não; a essa hora ainda está muito claro. A's sete? Também não, a essa hora ainda não é bastante escuro: vem depois de terem accendido o gaz.

Em identicas circumstancias está o meu candieiro.

Cheio de petroleo, acceso, mas vendo menos do que se o tivesse apagado. N'estas condições como poderá sahir bem esta correspondencia? Torta e aleijada e em perfeito *pendant* com a minha *reconhecida* habilidade e competencia.

Ainda assim lá vae.

Que me releve quem me lér e até á semana

Teu amigo,

S. Garrido.

Louzã, 25 de setembro

Em goso de licença está em Miranla do Corvo o nosso particular amigo João Camillo Rodrigues Fernandes, escrivão da segunda vara civil da comarca de Lisboa, e que por muito tempo exerceu condignamente as funcções de tabellião de notas e escrivão de direito n'esta comarca, onde quasi pôde contar os amigos pelo numero de pessoas.

Este lhano, laborioso e probo cavalheiro em breve regressará á capital.

—O *Jornal da Louzã* entrou em franca convalescença da anemia que o acomettera, e que muitos julgavam se transformasse em phisica galopante.

Não se chegou, felizmente, a verificar este vaticinio, e o hebdomadario encetou já uma phase completamente nova, graças aos esforços da actual empreza e ás pennas brilhantes dos srs. A. Pinto de Campos e João Agreste, que são sobeja garantia d'uma longa existencia e de mil prosperidades,

que desejamos ao mesmo jornal, tão indispensavel n'esta terra, cujas muralhas chinezas não foram ainda transpostas.

—Falleceu em Serpins, Francisco Simões de Carvalho, irmão do reverendo Antonio Simões de Carvalho, e tio, por afinidade, do sr. José Simões Coitez, aos quaes enviamos sentidos pezames.

—N'estes ultimos dias tem chovido copiosamente, produzindo atrazo na colheita do milho, este anno abundante em todo o concelho, mas não causando estragos como n'outros pontos do paiz.

C.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

Arthur d'Oliveira Muge, Maria José da Conceição Corrêa Muge e Anna de Jesus Ignez de Jesus Muge, agradecem a todas as pessoas que os cumprimentaram e assistiram aos responsos de sepultura da sua sempre chorada filha, neta e sobrinha, Ignez Armanda da Conceição Corrêa Muge.

Ovar, 19 de setembro de 1893.

LIVROS PARA REGISTO DE HOSPEDES

As relações dos mesmos que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar todos os dias ao commissariado de policia. Vendem-se na

IMPRESA CIVILISAÇÃO

MURICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA

ARTES E OFFICIOS

A' venda na IMPRESA CIVILISAÇÃO, Pocinha, 73.—Preço 400 réis.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

Para encomendas
FEITAS PELA
COMPANHIA REAL
DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação
Largo da Pocinha, 73 a 77

JÁ SE ACHAM Á VENDA

REPERTORIOS

ALMANACHS

PARA 1894

DA ANTIGA LIVRARIA POPULAR DOS LOYOS

A maior e mais variada colleção que até hoje tem apparecido, pois consta de 14 auctores, entrando n'ella o antigo almanach critico, satyrico e prognostico

O SERINCADOR

De Liborio de Magalhães

bem como

O Almanach das feitorias, Prophetia Universal, Novo amigo da verdade e o Pae Ambrosio de Suza (O Preto)—Borda Leça, Borda d'Agua, Borda Vinho, Borda d'Ouro, Astrologo Luzitano e Pedro Coutinho Velho.

Para revender grandes descontos

Deposito geral

Imprensa Civilisação, editora

DE

MANOEL FERREIRA DE LEMOS

Rua de Santo Ildefonso, 73 a 77 (Largo da Pocinha), para onde podem ser dirigidos todos os pedidos.

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

E. Zagallo de Lima—Praça, 63

CASA EDITORA

DE

GUILLARD, AILLAUD & C.^a

Rua Aurea, 242-1.º

Manual do Carpinteiro e Marceneiro

Este Manual que não só trata de moveis e edificios, é um tratado completo das artes de carpinteria e marcenaria, adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc. Tudo conforme os ultimos aperfeiçoamentos que tem feito estas artes.

Esta casa editora animada com o grande exito obtido com a primeira edição que está esgotada, resolveu fazer 2.ª edição ao alcance de todas as bolsas com especialidade das classes operarias e n'esse intuito sahirá a fasciculos.

Este Manual de Carpinteria e Marceneria contem aproximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Assigna-se em Ovar—Casa de Silva Cerveira.

EDITORES—BELEM & C.^a—LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

ULTIMA PRODUÇÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, a Avó, A Filha Maldita* e *a Esposa*, que tem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Pariz, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados a actualidade.

A empreza, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 cores, copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjunto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.

Condições d'assignatura:

—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginaas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

A empreza considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

NOVIDADE

Cerveja DANUBIA e BOCK-BIRR.

Grande sortido de mantas, regatas, plastrons e lavaliers.

Vinhos finos da Companhia e de outros armazens, desde 100 a 1\$500 réis.

SILVA CERVEIRA

LOJA DO POVO

PRAÇA, 63—OVAR

Imprensa Civilisação

DE

MANOEL F. LEMOS

OFFICINA DE CONFIANÇA, FUNDADA EM 1878

73, Largo da Pocinha, 77

(R. de Santo Ildefonso)

R. de Passos Manoel, 192

PORTO

N'esta officina imprime-se com promptidão, nitidez e por preços relativamente modicos, todo e qualquer trabalho typographico.

Facturas, memoranduns, mappas, bilhetes de loja, enveloppes, jornaes de pequeno e grande formato, obras de livro, todos os trabalhos para Associações de Soccorros, etc., etc., para o que ha abundancia de typos communs e de phantasia, bem como variadas e lindas combinações recebidas das principaes casas estrangeiras.

BILHETES DE VISITA a 160 e 200 réis o cento

BILHETES DE RIFA a preços baratos

BILHETES DE LUTO para agradecimento

Enviem-se pelo correio a quem fizer o pedido acompanhado da respectiva importancia.

TEM Á VENDA:

RELAÇÕES que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar com o nome dos hospedes ao commissariado de policia.

LIVROS para registo de hospedes.

RELAÇÕES de novo modelo para receber o juro das inscripções, bem como das obrigações de 4 e meio p. c., etc., etc.

TABELLAS do movimento da população, que os srs. regedores e parochos das freguezias são obrigados a enviar semanalmente para as administrações.

RECIBOS para todas as Juntas de parochia (modelo official).

ARRENDAMENTOS para caseiros e senhorios.

GUIAS para acompanhar a correspondencia official ao correio.

NOTAS de expedição para encomendas feitas pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Fabricam-se CARIMBOS DE BORRACHA tanto para particulares como para repartições publicas, por preços rasoaveis.

Na redacção d'este jornal toma-se conta de encomendas tanto de cartões de visita e rifa, como de outros impressos.

Imp. Civilisação—Rua de Santo Ildefonso, 73-77 (Pocinha)